

Olá, boa tarde a todos e a todas, o meu nome é Kleber Luiz Santos dos Santos, mais conhecido como Kleber Karipuna, sou indígena do povo Karipuna, lá da aldeia Santa Izabel, na Terra Indígena Uaçá, que fica localizada ali no extremo norte do Brasil, na Fronteira com a Guiana Francesa, no município do Oiapoque, no estado do Amapá. Hoje tenho 42 anos de idade e graças a Deus, e com muito orgulho, desses 42 anos, 21 anos foram dedicados ao Movimento Indígena, desde a minha região local, no Oiapoque, participando do Movimento Indígena localmente, depois a nível Amazônico, a nível nacional e também contribuindo no debate indígena a nível internacional.

Hoje estou morando na cidade de Brasília, estou morando em Brasília por questões de estudos, fazendo Mestrado na UNB, a Universidade de Brasília, e também trabalhos do Movimento Indígena, estou atuando na COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e também na APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), que são duas instituições que estão fazendo um trabalho muito significativo nessa questão da pandemia. Falar dessa questão da pandemia é doloroso por conta da perda de muitos parentes indígenas, conhecidos, lideranças e enfim, pela perda também de familiares próximos. Mas, também, falar dessa pandemia é falar de um processo de resiliência, tanto pessoal como do próprio Movimento Indígena. A gente tem essa característica de conseguir se reinventar nesses processos de luta e de batalha, e nesse contexto não é diferente. A COIAB e a APIB estão atuando muito, estão atuando firmes com suas movimentações de base e de lideranças indígenas para tentar, de alguma forma, combater esse coronavírus.

Nessa situação que estamos vivendo, logo no começo, o trabalho era para evitar que esse vírus chegasse nas aldeias, nas comunidades. Infelizmente chegou, e agora é um trabalho de dar continuidade para que essa chegada não seja com um número grande de indígenas infectados, e que Deus nos livre também de ter tantas pessoas e indígenas mortos nesse processo da pandemia. Agora também é um trabalho de tentar ajudar na cura, tentar ajudar nos processos junto com o Estado, seja o Município, o Estado ou o Governo Federal. Nosso trabalho é tentar ajudar o máximo de povos, pessoas e comunidades a combater esse vírus nas comunidades indígenas.

Como disse, o trabalho do Movimento Indígena está sendo importante, e a gente faz parte desse processo, estamos fazendo parte desse processo de combate e também de ajudar os parceiros, pessoas, instituições nacionais e internacionais que estão trazendo todo o conforto e apoio, seja financeiro, seja pessoal ou humanitário, mas apoio para ajudar os povos indígenas no Brasil, especialmente na Amazônia, que é minha região, e também no estado do Amapá, norte do Pará, e ali na minha região do Oiapoque. Então nosso trabalho é, de alguma forma, trazer algum apoio para as comunidades nessa situação, e a gente está, de alguma forma, conseguindo contribuir nesse processo. Então, o trabalho nosso mais a nível nacional está se dando nesse contexto relacionado à pandemia do coronavírus.

Falar sobre a Pandemia, como eu disse, é um processo doloroso também, apesar de que, logo lá no começo, eu estava muito preocupado com esse vírus chegar nas aldeias, mas até então estava controlado, até então estávamos conseguindo, dando um tempo ainda para evitar isso né, junto com as lideranças de base. Mas, infelizmente, o vírus chegou!

Eu fui me dar conta em relação a carga de letalidade desse vírus quando o meu sogro foi contaminado e, quase um mês após ele ter sido infectado, ele veio a óbito. Ele esteve hospitalizado por 27 dias, foi internado na UTI, passou por todo um processo de intubação e de sedação, de tratamento. Era uma angústia diária, e isso tocou na minha esposa, era mais dolorido ainda para ela. A gente não se concentra para trabalhar, você não se concentra para fazer nada! Tinha todo um esforço que eu estava fazendo em conjunto com os colegas dos movimentos, das organizações, fazendo um trabalho de buscar o máximo para os povos indígenas e você é pega de surpresa, tendo uma pessoa muito próxima sua, da família, sendo infectado e vindo a óbito.

Foi aí que me dei conta da periculosidade desse vírus, passamos por dias difíceis junto com minha esposa, nesse processo de tentar entender e, enfim, de tentar, de alguma forma, saber o que fazer, tentar aceitar a perda... Depois a notícia de vários outros indígenas contaminados, a chegada de notícias de lideranças indígenas de expressão nacional e internacional vindo a óbito também: Paulinho Paikã, uma grande liderança do povo Kaiapó, dos povos indígenas do Brasil, que foi infectado e veio a óbito; a professora, dona Bernardina, lá de Roraima, também morreu. Lá no nosso Amapá mesmo, perdemos o meu tio, uma grande liderança do movimento indígena, no município, no Estado do Amapá, Fernando Forte, servidor da Saúde Indígena, lutador, guerreiro, infelizmente veio a óbito nesse processo da pandemia.

As coisas parecem meio que desabar nesse contexto, e você fica, às vezes, meio sem rumo, sem chão para enfrentar tudo isso. Graças a muita força familiar, muita força de colegas do trabalho, do movimento, das lutas, graças a ter amigos e amigas que viveram o processo e estão vivendo o processo de depressão... tem a história da resiliência... que é você, pessoalmente, tentar ao máximo se manter sereno e buscar força para ajudar outras pessoas do seu próprio trabalho, pessoas que estão fazendo o processo junto com você ali, de luta diária, tentando ajudar de alguma forma...

É muito triste, muito doloroso, mas o tempo chega e a gente tenta se reinventar e tirar forças para continuar com essa luta, continuar esse processo de ajuda, de defesa, de ajuda humanitária junto aos povos indígenas. Eu queria dar esse depoimento mostrando que estávamos sob liderança de movimentos indígenas, temos todo um processo de luta no movimento, de resistência, mas também sofremos muito nessa pandemia e estamos ainda sofrendo por não saber quando isso vai parar e o quanto que nós vamos ainda perder. Deus queria que não moro, mas o quanto que vamos perder ainda de pessoas indígenas, homens, mulheres, grandes lideranças?

Que Deus proteja todos nós e que nos dê forças para continuar essa luta e sair de mais esse momento de batalha, de luta, de resistência, juntos, firmes e fortes, com todos os nossos aliados e parceiros. Espero que lá na frente a gente possa fazer jus as pessoas que se foram, que possamos dizer que vencemos mais essa batalha juntos e que vamos dar continuidade a essa luta do Movimento Indígena. Eu queria agradecer muito a oportunidade de estar falando nesse momento, de estar colocando para fora esse sentimento. Quero chamar todos os povos para que a gente, lideranças, continue firme nessa batalha, conjuntamente, pois acredito que lá na frente sairemos todos vencedores. Obrigado!

Brasília, Brasil

20 de agosto de 2020.

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Cavalcante de Souza

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Salut, bon après-midi à tous, je m'appelle Kleber Luiz Santos dos Santos, mieux connu sous le nom de Kleber Karipuna, je suis un indigène du peuple Karipuna, du village de Santa Izabel, dans la terre indigène d'Uaçá, qui se trouve là dans l'extrême nord du Brésil, dans la frontière avec la Guyane Française, dans la commune d'Oiapoque, dans l'état d'Amapá. Aujourd'hui, j'ai 42 ans et je remercie Dieu, et avec une grande fierté, de ces 42 ans, 21 ans ont été consacrés au mouvement indigène, depuis ma région locale, à Oiapoque, en participant au mouvement indigène localement, puis au niveau amazonien, au niveau national et en contribuant également dans le débat indigène au niveau international.

Aujourd'hui, je vis dans la ville de Brasília, je vis à Brasília pour des raisons d'études, je fais une maîtrise à l'UNB, l'Université de Brasília, et travaille également dans le mouvement indigène, je travaille à COIAB (Coordination des organisations indigènes en Amazonie brésilienne) et aussi à APIB (Articulation des peuples indigènes du Brésil), qui sont deux institutions qui font un travail très important dans ce problème de pandémie.

Parler de cette question de pandémie est douloureuse en raison de la perte de nombreux parents, connaissances, dirigeants indigènes et, enfin, de la perte de membres de la famille proche. Mais, aussi, parler de cette pandémie, c'est parler d'un processus de résilience, à la fois personnel et du Mouvement indigène lui-même. Nous avons cette caractéristique de pouvoir nous réinventer dans ces processus de lutte et de bataille, et dans ce contexte, ce n'est pas différent. Le COIAB et l'APIB travaillent dur, ils travaillent dur avec leurs mouvements de leadership locaux et indigènes pour essayer, d'une manière ou d'une autre, de lutter contre ce coronavirus. Dans cette situation dans laquelle nous vivons, dès le début, le travail était d'empêcher ce virus d'atteindre les villages, les communautés. Malheureusement, il est arrivé, et maintenant c'est un travail de continuité pour que cette arrivée ne se fasse pas avec un grand nombre d'indigènes infectés, et que Dieu nous préserve également d'avoir autant de personnes et d'indigènes tués dans ce processus de pandémie.

Maintenant c'est aussi un travail d'essayer d'aider à la guérison, d'essayer d'aider dans les processus avec l'État, que ce soit la municipalité, l'État ou le Gouvernement Fédéral. Notre travail consiste à essayer d'aider autant de personnes, d'individus et de communautés que possible à combattre ce virus dans les communautés indigènes. Comme je l'ai dit, le travail du Mouvement Indigène est important, et nous faisons partie de ce processus, nous participons à ce processus de combat et aidons également les partenaires, les personnes, les institutions nationales et internationales qui apportent tout confort et soutien, que ce soit financier, personnel ou humanitaire, mais un soutien pour aider les peuples indigènes du Brésil, en particulier en Amazonie, qui est ma région, et aussi dans l'État d'Amapá, au nord du Pará, et là-bas dans ma région d'Oiapoque.

Notre travail est donc, d'une certaine manière, d'apporter un certain soutien aux communautés dans cette situation, et nous réussissons, d'une certaine manière, à contribuer à ce processus. Ainsi, notre travail au niveau national se déroule dans ce contexte lié à la pandémie de coronavirus. Parler de pandémie, comme je l'ai dit, est également un processus douloureux, même si, dès le début, j'étais très préoccupé par le fait que ce virus atteigne les villages, mais jusque-là, il était contrôlé, jusque-là, nous réussissions, en prenant un certain temps pour éviter cela, n'est-ce pas, avec les dirigeants de la base. Mais, malheureusement, le virus est arrivé! Je me suis rendu compte de la létalité de ce virus lorsque mon beau-père a été infecté et, près d'un mois après avoir été infecté, il est mort. Il a été hospitalisé pendant 27 jours, a été admis à l'USI, a traversé tout un processus d'intubation et de sédation, de traitement. C'était une angoisse quotidienne, et cela touchait ma femme, c'était encore plus douloureux pour elle. Nous ne nous concentrons pas sur le travail, vous ne concentrez pas sur quoi que ce soit! Il y avait un effort que je faisais avec des collègues des mouvements, des organisations, en cherchant le maximum pour les peuples indigènes et vous êtes pris par surprise, ayant quelque chose de très proche de vous, la famille, étant infecté et mourant.

C'est là que j'ai réalisé la dangerosité de ce virus, nous avons traversé des jours difficiles avec ma femme, dans ce processus d'essayer de comprendre et, enfin, d'essayer, en quelque sorte, de savoir quoi faire, d'essayer d'accepter la perte... Puis la nouvelle de plusieurs autres peuples indigènes contaminés, l'arrivée de nouvelles de chefs indigènes d'expression nationale et internationale mourants également: Paulinho Paikã, un grand chef du peuple Kaiapó, des peuples indigènes du Brésil, qui a été infecté et est mort; l'enseignant, Dona Bernardina, de Roraima, est également décédée. Là, dans notre Amapá, nous avons perdu mon oncle, un grand leader du mouvement indigène, dans la municipalité, dans l'État d'Amapá, Fernando Forte, serviteur de la santé indigène, combattant, guerrier, malheureusement il est mort dans ce processus de pandémie.

Les choses semblent s'effondrer dans ce contexte, et vous êtes parfois un peu sans but, sans motif pour faire face à tout cela. Grâce à beaucoup de force de la famille, beaucoup de force des collègues de travail, du mouvement, des luttes, grâce à avoir des amis qui ont vécu le processus et qui vivent le processus de la dépression... a une histoire de résilience... c'est-à-dire que vous, personnellement, faites de votre mieux pour rester calme et chercher la force pour aider d'autres personnes dans leur propre travail, les personnes qui font le processus avec vous là-bas, de la lutte quotidienne, essayant d'aider d'une certaine manière... C'est très triste, très douloureux, mais le moment est venu et nous essayons de nous réinventer et de prendre la force de continuer cette lutte, de poursuivre ce processus d'aide, de défense, d'aide humanitaire aux peuples indigènes.

Je voulais donner ce témoignage montrant que nous étions sous la direction de mouvements indigènes, nous avons tout un processus de lutte dans le mouvement, de résistance, mais nous souffrons aussi beaucoup dans cette pandémie et nous souffrons encore de ne pas savoir quand elle s'arrêtera et jusqu'où nous allons aller perdre. Dieu ne voulait pas beaucoup, mais combien allons-nous perdre des peuples indigènes, des hommes, des femmes, des grands dirigeants? Que Dieu nous protège tous et nous donne la force de continuer ce combat et de sortir de ce moment de bataille, de lutte, de résistance, ensemble, fermes et forts, avec tous nos alliés et partenaires. J'espère qu'au front nous pourrions rendre justice aux personnes qui sont parties, que nous pouvons dire que nous avons gagné cette bataille ensemble et que nous continuerons cette lutte du Mouvement Indigène. Je tiens à vous remercier pour l'occasion de prendre la parole en ce moment, d'exprimer ce sentiment. Je veux faire appel à tous les peuples pour que nous, les dirigeants, puissions continuer à rester fermes dans cette bataille, ensemble, car je crois qu'avant nous, nous serons tous des gagnants. Je vous remercie!

Brasília Brésil

20 Août 2020.

Rapport reçu en audio et transcrit par Danilo Cavalcante de Souza

Traduit par Johnson Morandcy

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Hello, good afternoon everyone, my name is Kleber Luiz Santos dos Santos, They also call me Kléber Karipuna, I am an indigenous man from the Karipuna people, I'm from Santa Isabel Village, Uaçá Indigenous Land, which is located in the North of Brazil, right on the border with French Guiana, in the municipality of Oiapoque, State of Amapá. I am 42 years old and thanks God, I'm very proud of those 42 years. 21 years of my life were dedicated to the Indigenous Movement in Oiapoque. I've participated firstly in the Indigenous Movement of my region, then at an Amazon level, later at a national level and also contributing to the indigenous debate at the international level.

Nowadays, I am living in the city of Brasília due to my studies, since I'm doing a Master's degree at UNB (University of Brasília) and I'm also working on the Indigenous Movement issues. I am working at COIAB (Coordination of Indigenous Organizations in the Brazilian Amazon) and also at APIB (Articulation of Indigenous Peoples of Brazil), which are two institutions that are operating a very significant job during this pandemic.

By the way, this pandemic issue is so painful due to the loss of many indigenous relatives, acquaintances, leaders and also the loss of close family members. But speaking about it is also speaking of a resilience process, both for personal and for the Indigenous Movement itself. We have this ability of being able to reinvent ourselves during struggle and battle contexts, and now it isn't different. COIAB and APIB are working hard, they are firmly set on their basis works and indigenous leadership movements to try, in some way, to fight this coronavirus.

At the beginning of this whole situation, the focus was on preventing this virus from reaching villages, communities. Unfortunately, it reached us, and now there's a job to be kept going so that this arrival doesn't take a large number of infected indigenous people, and that God also protect us from having so many people and indigenous people killed in this pandemic process. There's also the job to try to help in healing, or trying to help with the demands for procedures on Municipality, State or the Federal Government. Our job is helping as many people, individuals and communities as possible to combat this virus in indigenous communities.

As mentioned, the activity of the Indigenous Movement is important, and we are part of this process, we are taking part in this battle and also helping partners, people, national and international institutions that are bringing all comfort and support, whether in financial, personal or humanitarian assistance on helping indigenous peoples in Brazil, especially in the Amazon, which is my region, and also in the state of Amapá, northern Pará, as well as in my city of Oiapoque. So, our job is basically bringing some support to the communities in this situation, and we are, somehow, managing to contribute to this process. So, our work at the national level is taking action on this context related to the coronavirus pandemic.

Talking about this Pandemic, as I said before, is painful too, although, right at the beginning, I was very concerned about this virus reaching the villages. But until then it was controlled. Until then, we were managing and taking some time to avoid it's presence on the villages, in cooperation with the main leaders. But, unfortunately, the virus has arrived! I could only be aware of this virus' lethality after my father-in-law was infected and died almost a month later. He had been hospitalized for 27 days, and then was admitted to the ICU where he went through an entire process of intubation and sedation, treatment. It was a daily anguish, and it affected my wife, it was even more painful for her. You can't focus on working, you don't concentrate to do anything! There was a whole effort I was making with my colleagues from the movements, from the organizations, a job of seeking the maximum support for the indigenous peoples and, out of the blue, you are taken by surprise: a person very close to you, your family, is infected and dies.

It was when I realized the dangerousness of this virus, I went through difficult days together with my wife, this process of trying to understand and, finally, trying to somehow know what to do, trying to accept the loss... news of several other contaminated indigenous people, the arrival of news of indigenous leaders of the national and international movement also dying: Paulinho Paikã, a great leader of the Kaiapó people, of the indigenous movement, was infected and died; Dona Bernardina, the teacher, from Roraima, also died. In Amapá, we lost my uncle, a great leader of the indigenous movement, also in the State of Amapá, Fernando Forte, Indigenous Health servant, fighter, warrior, unfortunately he died in this pandemic. Things seem to fall apart, and sometimes you feel useless, out of strength to face this. Thanks for the support of my family, my colleagues at work, my colleagues from the movement, from struggles, thanks to having friends who have lived through the this and are also experiencing depression... there is resilience... which means you try as hard as possible to remain calm and seek strength to help other people in their own work, people who are together with you on this issue, of daily struggle, trying to help in some way...

It is very sad and painful, but the time has come and we are trying to rebuild ourselves to bravely continue on fighting, to keep helping, to stand for humanitarian aid to indigenous peoples. I wanted to share my truth, showing you that we were under the leadership of indigenous movements, we have a whole past of struggle in the movement, of resistance, but we also suffered a lot in this pandemic and we are still suffering for not knowing when it will stop and how long it's going to last. I pray to God it ends soon, but how many people are we still going to lose from indigenous people, men, women, great leaders?

May God protect all of us and give us the strength to keep on fighting, so we soon find ourselves out of this battle, struggle, in resistance, together, firm and strong, with all our allies and partners. I hope that in the future, can provide justice to the people who are gone, that we can say we won this battle together and that we keep on fighting in the Indigenous Movement. I would like to thank you very much for the opportunity to be heard, to be sharing those feelings. I would like to call all peoples so that we, the leaders, to remain firm in this battle, together, because I believe we'll all thrive together. Thank you!

Brasília, Brazil.

August 20, 2020.

Report received in audio and transcribed by Danilo Cavalcante de Souza

Translated by Ydoreh Gomes Borges.

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Hola, buenas tardes a todos y todas, mi nombre es Kleber Luiz Santos dos Santos, más conocido como Kleber Karipuna, soy indígena del pueblo Karipuna, allí desde el pueblo Santa Izabel, en la Tierra Indígena Uaçá, que se encuentra en el extremo norte de Brasil, en la frontera con Guayana Francesa, en el municipio de Oiapoque, en el estado de Amapá. Hoy tengo 42 años, doy gracias a Dios, y con gran orgullo, de estos años cumplidos, 21 años fueron dedicados al Movimento Indígena, de mi región, en Oiapoque, después a nivel amazónico, a nivel nacional y contribuyendo también al debate indígena a nivel internacional.

Hoy vivo en la ciudad de Brasília, por razones de estudios, haciendo Maestría en la UNB (Universidad Nacional de Brasília), y también por trabajos del Movimento Indígena, estoy trabajando en la COIAB (Coordenação de Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) y también en la APIB (Articulação de Povos Indígenas do Brasil), que son dos instituciones que están haciendo un trabajo muy significativo en relación a la pandemia.

Hablar de este tema de la pandemia es doloroso debido a la pérdida de muchos parientes indígenas, conocidos, líderes y, por último, la pérdida de familiares cercanos. Pero también hablar de esta pandemia es hablar de un proceso de resiliencia, tanto personal como del propio Movimento Indígena. En este contexto no es diferente. La COIAB y APIB están trabajando duro, con sus movimientos de base y líderes indígenas para tratar, de alguna manera, luchar contra este coronavirus.

En esta situación que estamos viviendo, desde el principio, el trabajo fue para evitar que este virus llegue a las aldeas, en las comunidades. Desgraciadamente ha llegado, y ahora es un trabajo continuo para que no infecte a un gran número de indígenas, y que Dios no permita a defunción de tantas personas e, indígenas en este proceso de pandemia. Ahora también incumbe un trabajo de ayuda en la curación, tratar de ayudar en los procesos junto con el Estado, ya sea el Municipio, en el Estado o en el Gobierno Federal. Nuestro trabajo es de ayudar a tantos pueblos, y comunidades a combatir este virus en las comunidades indígenas.

Como dije, la labor del Movimento Indígena está siendo importante, y forma parte de este proceso de lucha para ayudar a compañeros, personas, instituciones nacionales e internacionales que están aportando en todo el consuelo y apoyo, ya sea financieramente, personal o de modo humanitario, sobre todo a los pueblos indígenas en Brasil, especialmente en la Amazonia, mi región, y también en el estado de Amapá, al norte de Pará, y en mi región de Oiapoque. En consecuencia, nuestro trabajo es, de alguna manera, estar a las comunidades en esta situación, y de esta forma estamos logrando contribuir en este proceso; a nivel nacional está teniendo lugar en el contexto de la pandemia de coronavirus.

Hablar de la Pandemia, como dije, es un proceso doloroso, aunque, justo al principio, estaba muy preocupado porque este virus llegue a las aldeas, pero hasta entonces estaba controlado, se estaba consiguiendo, dando un tiempo todavía para evitarlo, junto con los líderes de las aldeas. Pero por desgracia, ¡el virus llegó!

Me di cuenta de la letalidad de este virus cuando mi suegro estaba infectado, y casi un mes después de ser infectado, murió. Fue hospitalizado durante 27 días, fue ingresado en UCI, pasó por todo un proceso de tratamiento, intubación y sedación; fue una angustia diaria. Mi esposa también murió, fue aún más doloroso para ella. ¡Este virus nos impide concentrarnos al trabajar, y al realizar algo! Hubo todo un esfuerzo junto con colegas de los movimientos, de las organizaciones; de buscar el máximo apoyo para los pueblos indígenas y a uno le toma por sorpresa, saber que una persona muy cercana a la familia se infectó e incluso falleció.

En ese momento me di cuenta de la peligrosidad de la familia, pasar por días difíciles junto con mi esposa, en el proceso de intentar entender, de saber lo que hacer, de aceptar la pérdida... Después la noticia de fallecimiento de varios indígenas contaminados e, de líderes indígenas de ámbito nacional e internacional: Paulinho Paikã, un gran líder del pueblo Kaiapó; de los pueblos indígenas de Brasil, que se infectaron y murieron; otra muerte de la profesora, doña Bernardina, de Roraima. Allí, en nuestro mismo Amapá, perdimos a mi tío, un gran líder del movimiento indígena en el municipio e en el estado; y la pérdida de Fernando Forte, servidor de la Salud Indígena, luchador, guerrero, a causa de la pandemia.

Las cosas se van desmoronando en ese contexto, y uno mismo, a veces, no sabe si seguir con ese rumbo, sin fundamento para enfrentarlo todo. Gracias a mucha fuerza familiar, de colegas del trabajo, del movimiento e de amigos e amigas que han vivido y están pasando por este proceso de depresión... tienen un enfoque de resiliencia... es decir, personalmente tratas de mantenerte con vida y buscar fuerza donde no las hay, para ayudar a otras personas de su propio trabajo, personas con las que estas luchando por lo mismo, una lucha continua, intentando ayudar de alguna forma...

Es muy triste, muy doloroso, pero llega el momento y tratamos de reinventarnos y tomar fuerzas para continuar luchando, para continuar con este proceso de ayuda, defensa, y ayuda humanitaria con los pueblos indígenas. Quería dar a conocer este testimonio demostrando que estábamos bajo el liderazgo de los movimientos indígenas, tenemos todo un proceso de lucha, de resistencia, pero también sufrimos mucho en esta pandemia y todavía estamos sufriendo por no saber cuándo se detendrá y cuánto perderemos. Dios no quiera que sea mucho, pero ¿cuánto vamos a perder de los pueblos indígenas, hombres, mujeres, grandes líderes todavía? Que Dios nos proteja y nos de fuerzas para continuar luchando y salir de este momento de batalla constante, de resistencia, juntos, firmes y fuertes, con todos nuestros aliados y amigos. Espero que en un futuro no muy lejano podamos recordar a todas las personas que se fueron, e decir que hemos vencido más una batalla juntos y que vamos a dar continuidad al Movimento Indígena. Quería dar las gracias por la oportunidad de estar hablando respecto a este tema, de estar expresando mis sentimientos. Quiero llamar a todos los pueblos para que nosotros, los líderes, sigamos firmes para continuar firmes en esta batalla, porque creo desde ya, que todos saldremos vencedores. ¡Gracias!

Brasília, Brasil, 20 de agosto de 2020.

Relato recibido en audio y transcrito por Danilo Cavalcante de Souza

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

